

24-02-2021

Guerras Lusitanas

Angelo Bernardo M. Offen

[Cientista Social e das Humanidades - Algarve / Portugal]

Pois que já nem sei se minha afinidade com o Brasil é da ordem da irmandade colonialista, da qual tenho muitas ressalvas colonizadoras; se é do meu parentesco com a avó materna, brasileira nata; ou se é pelas irresponsabilidades pandêmicas. Talvez, mais provável, seja pelos camaradas brasileiros surfistas que com quem cá estive em Portugal, em tantas ocasiões. Da última vez que frequentei este espaço de ideias terminei com o poeta José Régio *Não sei por onde vou / Não sei para onde vou / Sei que não vou por aí!* e agora estou cá a continuar sem saber aonde ir neste falario palratório, desde que Portugal assombrou a Europa com a “nova” onda de Covid-19. Sabeis vós que a palavra onda tem para mim um significado simbólico definitivo. O local d’onde emanam as ondas é para este que vos fala um santuário, e elas próprias - as ondas - são seus milagres. Não fora eu um ondista (surfista), emoldurado em minha própria silhueta humana, não estaria eu aqui agora a vos falar. Pois não é que Portugal meteu-se nessa embrulhada viral por falta de beligerância histórica?

Afora as guerras coloniais em que Portugal teve lá a força dos canhões contra povos menos favorecidos de armas, as grandes guerras mundiais teve em Portugal um espectador sem vontade própria. Não tiro a razão de meu país que, por razões geopolíticas e alinhamentos político-ideológicos, embora às vezes suspeitos, esteve a evitar adentrar nos grandes conflitos bélicos. O heroísmo de seus navegadores d’outrora, mesmo sendo marcados pela imposição colonialista injusta, é história que não lhe subtrai em ousadia. Todavia, estive sempre a me perguntar: que atitudes teve meu país nessas ocasiões em que seu papel foi mais de subserviência do que altivez.

E eis as guerras... Já na 1ª Guerra Mundial, o embate entre portugueses guerristas e anti-guerristas foi dissipado com a ameaça inglesa de que se Portugal não tomasse seu partido, as colônias portuguesas Angola e Moçambique não teriam o “carinho” britânico contra os alemães que lá já estavam a cobiçá-las e açoitá-las. Daí, por britânica ordem, dois anos após o início da guerra, Portugal aprisionou navios alemães e daí provocou-se a germânica beligerância, agora oficial, contra meu país. Pois lá se foram os soldados portugueses a serem dizimados em frentes de batalhas, a ponto de se tornarem cavadores de trincheiras dos aliados, após serem recuados da armadilha a que haviam sido empurrados.

E neste contexto adverso, Portugal mergulha no caos da fome, da revolta e no rodízio de golpes até decretar estado de sítio.

Mas isto não é conversa para a hora, até porque ao final da guerra esteve lá, inclusivamente, a Pneumônica Espanhola - a pandemia da época a nos assombrar -. O que importa, por ora, é um certo, diga-se, desastre nesta guerra, para não dizer equívoco de escolhas políticas. Aliás, como sempre os há, em todas as guerras. Ficou Portugal mais uma vez a ver navios?

Lembro-vos que navios representam a maior glória lusitana. Vício original de seus desbravadores: ver navios. Talvez por isto. Mesmo ao final da guerra, o repatriamento dos milhares de prisioneiros de guerra portugueses foi caótico, em que centenas não voltaram a rever sua terra.

1ª Guerra: ganhamos, ganhamos? Já só havia passado 20 anos e lá vem a 2ª Guerra Mundial. Neste ínterim, Portugal esteve sob a batuta de um déspota chamado Antonio de Oliveira Salazar, ora vejam, professor catedrático da Universidade de Coimbra e Honoris Causa de Oxford. Fascista de carteirinha, tinha em sua escrivaninha um retrato de Benito Mussolini.

O gajo disfarçava-se e equilibrava-se entre a Inglaterra, com quem Portugal tinha uma aliança de cinco séculos, e seus inimigos Hitler e Mussolini, pelos quais o ditador português tinha admiração misteriosa e pouco assumida.

Talvez espelhando-se em seu “amigo” espanhol, o ditador vizinho Francisco Franco, que tinha estado neutro na 1ª Guerra, firmou com ele um Pacto Ibérico, e assim, ficou “escondido” durante a 2ª Guerra. Mas deixa estar que o que estava em jogo eram as colônias em África. Salazar não queria perder Angola e Moçambique até porque achava que a independência do Brasil havia sido muito precoce. Por aí se vê que a depender dele o vosso país estaria hoje a nos obedecer, especialmente em tributos... Como sou muito bem humorado e refratário às piadas brasileiras, até porque mesmo eu tenho por aí bradado piadas portuguesas acerca de brasileiros, trago aqui um versito da [cançoneta](#) de Eduardo Dusek, cantor brasileiro conhecido de vós, sobre Portugal na 2ª Guerra.

Ai Portugal não foi para a guerra,
Mas tampouco também não acovardou-se,
Cobriu Portugal com um pano,
Escreveu em cima: "Portugal mudou-se".

Pois, afora as brincadeiras que meus patrícios nem todos se põem a gostar, chegamos à 3ª Guerra Mundial de Portugal: a guerra da pandemia. Após um início beligerante promissor contra o vírus, Portugal perdeu-se no campo de batalha.

Meu país vangloriou-se antes do tempo, como em outras guerras mal entradas e pior ainda saídas. Esqueci de vos dizer algumas coisas. Que o fascismo salazarista foi o mais católico dos fascismos. Esteve lá a Igreja e o Vaticano a dar bênçãos ao ditador durante 40 anos de sua dinastia (1928-1968). Portugal é um país fanaticamente católico. Quero crer que respingos dessas coisas até hoje vão por aí. Também esqueci de vos dizer que a Aparição de Fatima para Lúcia, Francisco e Jacinta, ocorreu em 1917, justo no meio da 1ª Guerra, quando soldados portugueses eram destroçados na França pelos alemães.

Esqueci-me de dizer também que a aparição milagrosa de Fatima foram [várias](#). Ao povo com fome e com a perda crescente de seus entes queridos só restava o milagre.

As peregrinações de milhares sucediam-se aos centos.

Contra a fome: a fé. Pois que na atual pandemia, durante as festas de Natal, Portugal foi o país que menos restrições impôs aos seus cidadãos. E o mês de janeiro de 2021 viu Portugal bater recordes mundiais favoráveis ao Covid-19. Donde se conclui que apenas a fé religiosa não vence guerras. ■■■

OBS. Os textos expressam a opinião de seus autores, não necessariamente coincidente com a dos coordenadores do Blog e dos participantes do Fórum Intersindical. A cada reunião ordinária, os textos da Coluna Opinião do mês são debatidos, suscitando divergências e provocando reflexões, na perspectiva de uma arena democrática, criativa e coletiva de encontros de ideias em prol da saúde dos trabalhadores.